

PERSPECTIVAS DE INTERCÂMBIO VIRTUAL NO USO DE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA

Daniela Nogueira de Moraes Garcia¹
Víctor César de Oliveira²
William Edward Hutton³

RESUMO: A telecolaboração (BELZ, 2003) desponta em cenário pedagógico como forma de atender necessidades geográficas, linguísticas, culturais permitindo o acesso às línguas e culturas. A partir do teletandem (TELLES, 2006), um contexto virtual, autônomo e colaborativo de aprendizagem de línguas com recursos de escrita, voz e imagem da tecnologia VOIP, propomos o presente estudo pautado na colaboração on-line em inglês como língua franca. Com base no suporte teórico da telecolaboração, do teletandem e do inglês como língua franca, objetivamos descrever sessões de colaboração entre parcerias internacionais. Sob uma metodologia qualitativa, os dados foram coletados por meio de questionários, relatos e notas de campo das sessões. Considerando-se esta forma de intercâmbio virtual, esperamos apresentar contribuições para o processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Palavras-chave: Telecolaboração. Língua Franca. Ensino/aprendizagem de inglês.

VIRTUAL EXCHANGE PERSPECTIVES IN THE USE OF ENGLISH AS LÍNGUA FRANCA

ABSTRACT: Telecollaboration (BELZ, 2003) emerges in the pedagogical scenario as a way to meet geographic, linguistic and cultural needs, allowing access to languages and cultures. Deriving from teletandem (TELLES, 2006), a virtual, autonomous and collaborative language learning context with VOIP technology writing, voice and image resources, we propose the present study based on online collaboration in English as a lingua franca. Based on the theoretical support of telecollaboration, teletandem and English as a lingua franca, we aim to describe sessions of collaboration between international partnerships. Using a qualitative methodology, data were collected through questionnaires, reports and field notes from the sessions. Considering this form of virtual exchange, we hope to present contributions to the process of teaching/learning foreign languages.

Keywords: Telecollaboration. Língua Franca. English teaching-learning.

1. Introdução

O momento pandêmico revela necessidades e demonstra, mais que nunca, a influência das

¹ Professora Assistente da UNESP de Assis, SP. E-mail: dany7garcia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2813-7538>

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP/Presidente Prudente. E-mail: virtuevco@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8034-410X>.

³ Teaching Fellow (The Language Centre, School of Languages, Linguistics and Film at Queen Mary University, UK. E-mail: w.e.hutton@qmul.ac.uk. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8736-8227>.

tecnologias nos mais variados setores, como forma de viabilizar a interação, a comunicação, o ensino e a aprendizagem. Dessa forma, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) impulsionam transformações e aceleram evoluções, também, no cenário pedagógico. Podemos mencionar plataformas, aplicativos, *websites*, redes e mídias sociais que integram esse processo, tais como canais de aprendizagem de LE no *YouTube*, perfis específicos no *Instagram*, *Duolingo*.

Faz-se necessário reconhecer que, dentre oportunidades muito profícuas como as que abordaremos no presente trabalho, observamos, também, a emergência de questões como acessibilidade, inclusão/exclusão por meio da tecnologia nas ações pedagógicas, desnudadas, brutalmente, pela pandemia iniciada em 2019, pelo coronavírus. De qualquer maneira, unimo-nos às vozes que buscam novas possibilidades e uma educação que vislumbre necessidades e acesso.

Junto às tecnologias, a aproximação entre os povos, línguas e culturas é possibilitada pela internet e ações de colaboração on-line que permitem que o indivíduo, em qualquer parte do mundo, conecte-se a um outro, independentemente de dispositivos, barreiras geográficas e diferenças de horário. Considerando fins didáticos, observamos o potencial da telecolaboração para a promoção do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras em ambiente educacional. O'Dowd (2015, p. 194) define a telecolaboração como a “aplicação de ferramentas de comunicação online para aproximar aprendizes de línguas geograficamente distantes no intuito de desenvolver as habilidades na língua estrangeira e a competência intercultural por meio de tarefas e projetos”.

As ações telecolaborativas ou de intercâmbio virtual têm emergido na esfera educacional e, mais acentuadamente, em momento pandêmico (FERDIG et al, 2020; ROSS e DISALVO, 2020). Não tomam, porém, o lugar de escolas de idiomas, mas sim, auxiliam no aprendizado (TELLES, 2006). Sendo assim, compreendemos a necessidade de buscar compasso entre o cenário educacional e o crescente uso das tecnologias

O presente trabalho enfoca os pressupostos teóricos da telecolaboração, da aprendizagem em tandem e, em seguida, do teletandem (TELLES, 2006, 2009) para, assim, investigar parcerias de colaboração on-line estabelecida em língua inglesa como língua única de comunicação, vigentes desde 2016. A pesquisa aqui retratada foi conduzida a partir das

interações entre estudantes universitários brasileiros, aprendizes de inglês, e estudantes estrangeiros em uma universidade do Reino Unido. Embasados no teletandem e em suas características, buscamos ampliar a compreensão acerca da colaboração aqui estabelecida em língua franca.

2. Telecolaboração

A telecolaboração, segundo Schaefer e Heemann (2018, p. 1), “é a utilização de tecnologias online com o intuito de desenvolver habilidades em língua estrangeira e competência intercultural de aprendizes que se encontram distantes, possibilita lidar com assuntos interculturais por meio de projetos telecolaborativos” ou seja, como é sabido, a internet e as redes sociais têm causado muito impacto pois elas aproximam o mundo e dão suporte às ações telecolaborativas. Assim como afirma Belz (2003a):

Nas parcerias telecolaborativas, aprendizes, internacionalmente distantes, paralelamente às aulas de línguas, usam ferramentas de comunicação propiciadas pela Internet como e-mail, bate-papo, listas de discussão, e MOOs (assim como outras formas de comunicação eletronicamente mediada), como suporte para a interação social, diálogo, debate e troca intercultural. [...] A telecolaboração pode ter um valor específico para os estudantes que não possuem a oportunidade significativa (orientada pelo professor) de interagir com pessoas de outras culturas. (BELZ 2003a, p.2)

Graças à internet, as colaborações on-line têm se mostrado cada vez mais presentes, auxiliando na formação e catalisando habilidades com vistas à autonomia e um protagonismo do aprendiz. De acordo com Garcia (2012):

A telecolaboração tem se mostrado muito importante pois, além de enriquecer o trabalho em sala de aula, permite que aprendizes desenvolvam posturas autônomas e sejam ativamente participantes e responsáveis pela construção de conhecimento. Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem ultrapassa questões meramente linguísticas e adquire proporções maiores que perpassam pelo desenvolvimento de competências e relações nem sempre passíveis de serem exploradas em sala de aula. (GARCIA 2012, p. 482)

Assim, norteados pelas possibilidades das tecnologias como forma de atender necessidades de acesso e aprendizagem de línguas, voltamo-nos para as práticas em tandem e teletandem e para a colaboração on-line em língua franca para retratar uma pesquisa

conduzida.

3. Do Tandem ao Teletandem

As ações em tandem, comumente praticadas na Europa desde os anos 60, constituem-se modalidade de aprendizagem mencionada por autores, como Brammerts (1995,2003), Dellile e Ferreira (2002) e Cziko (2004), objetivando a formação de parcerias entre alunos de diferentes línguas para estabelecerem a colaboração on-line por meio da conversação, com objetivos pré-estabelecidos. Little et al (1999, p. 1) consideram que “a aprendizagem de línguas estrangeiras em tandem é uma forma aberta de aprendizagem que envolve dois aprendizes de línguas nativas diferentes que trabalham juntos no intuito de aprender a língua do outro”.

Assim, as parcerias em tandem são constituídas por aprendizes de diferentes línguas e culturas para juntos desenvolverem a troca linguística. A partir do viés pedagógico e dos objetivos definidos entre os pares, as trocas em tandem desempenham importante papel no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Vassallo e Telles (2008) apontam características importantes das ações em tandem:

Consiste em um trabalho em pares, recíproco, autônomo e colaborativo; é realizado em sessões regulares bilíngues por falantes competentes de duas línguas diferentes que querem aprender cada um a língua do outro. As sessões de tandem são divididas em duas partes, dedicadas cada uma somente a uma língua. Nelas, os parceiros revezam-se nos papéis de aprendiz e de falante competente, dependendo da língua de competência de cada um. (VASSALLO e TELLES, 2008, p. 342)

Schwienhorst (1998) aponta a reciprocidade, a autonomia e o uso separado de línguas como princípios para a aprendizagem em tandem, reforçando a diferença de aulas particulares ou conversa entre estrangeiros. Pelo princípio da reciprocidade, o suporte entre os pares deveria ser mútuo para a otimização da aprendizagem, em equidade de condições. A autonomia diz respeito ao poder de decisão conjunta com o parceiro, como negociação das questões que ambos julguem pertinentes para a melhor condução da sessão. O uso separado de línguas relaciona-se à reciprocidade de modo que ambos parceiros disponham da mesma oportunidade para a prática da língua, asseguradas mesmas oportunidades de aprendizagem.

Nesse contexto, deparamo-nos com o extenso território brasileiro e decorrentes dificuldades geográfica e financeira para o contato com as línguas e seus falantes. Deparamo-nos, ainda, com os avanços tecnológicos e as conexões à internet. Inseridas nessas opções, o

Projeto Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos (TELLES, 2006) foi idealizado, a partir de experiências pessoais em tandem, como forma de promover acesso democrático e a prática das línguas estrangeiras por meio de videoconferências com recursos de áudio e escrita.

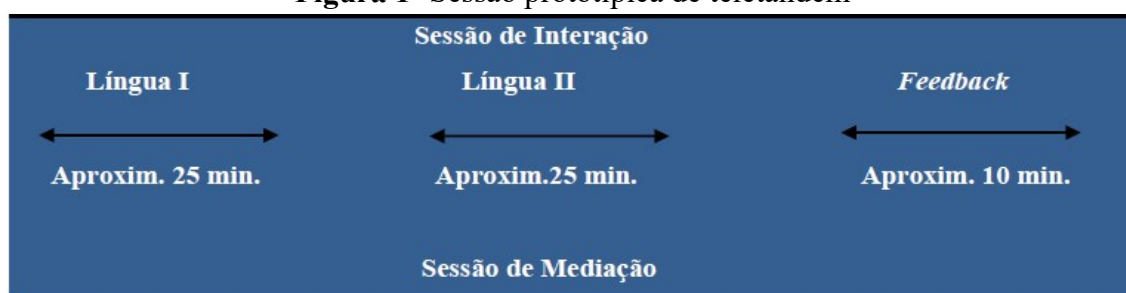
Assim, a partir das ações em tandem, o teletandem é definido como “um contexto virtual, autônomo e colaborativo no qual dois falantes de línguas diferentes utilizam recursos de tecnologia VOIP (texto, voz e imagem de webcam) para ajudar o parceiro a aprender a sua língua materna (ou linguagem de proficiência)” (TELLES, 2015, p. 604).

Em 2007, o Projeto Teletandem Brasil: *línguas estrangeiras para todos* (TTB) recebeu suporte da agência de fomento (FAPESP- Processo 06/03204-2) e, dessa maneira, as ações foram fortalecidas, assim como parcerias com o exterior e desenvolvimento de pesquisas. Atualmente, apesar de não se configurar como projeto temático vigente, os estudos e as atividades não foram descontinuados e permanecem ativos no Brasil e no exterior.

As sessões de interação são divididas em duas partes para cada uma das línguas envolvidas. Finalizadas, são realizadas as sessões de mediação, conduzidas por um professor/pesquisador/mediador no intuito de obter *feedback* e favorecer discussões e uma postura crítico-reflexiva acerca da experiência em colaboração on-line.

Garcia (2013) elaborou um protótipo das sessões como, atualmente, realizadas em um dos Laboratórios, como podemos notar na Figura 1.

Figura 1- Sessão prototípica de teletandem



(Adaptado de Garcia, 2013)

O momento de *feedback* pode ocorrer, como ilustra a figura, nos minutos finais ou durante a comunicação. Caberá aos pares, a tomada de decisão acerca de como oferecer e receber *feedback*.

4. Inglês como Língua Estrangeira/Língua Franca

Após esse breve percurso acerca da telecolaboração e do teletandem, voltamos nosso

olhar para a colaboração em inglês como língua franca.

Há várias discussões acerca dos estudos sobre língua franca, seus conceitos e aplicações. Todavia, há um consenso de que a língua franca se estabelece com foco no idioma usado como meio de comunicação e não sendo a língua materna de nenhum dos falantes (SEIDLHOFER, 2011; SIFAKIS, 2007).

El Kadri (2010) apresenta nove consequências e características fundamentais da língua franca, especialmente da língua inglesa como língua única de comunicação. São elas:

- 1) as alterações sofridas pela língua conforme é apropriada por diferentes usuários; 2) sua forte vinculação com o desenvolvimento econômico, 3) o fato de que 80% das interações em língua inglesa no mundo ocorrem entre falantes não nativos; 4) a quantidade de pessoas que a utiliza para os mais variados domínios; 5) a possibilidade de inserção global pelo domínio desta língua; 6) a grande quantidade de pessoas que desejam adquirir esta língua pelos benefícios que ela traz; 7) às mudanças no sentido de “propriedade” da língua; 8) sua dissociação dos EUA e Inglaterra e 9) a possibilidade de atendimento às necessidades globais e locais pelo uso desta língua. (EL KADRI 2010, p. 65)

Em decorrência disso, a modalidade de colaboração on-line em inglês como língua franca nos instiga, partindo de nossa experiência com o teletandem e a língua inglesa como estrangeira. Assim, buscamos um diálogo com o referencial teórico sobre teletandem, telecolaboração e língua franca com o objetivo de alcançarmos uma melhor compreensão. E, assim, será possível melhor orientarmos e atuarmos como professores e mediadores quando da condução de sessões entre estudantes brasileiros e estrangeiros.

No percurso por definições e um entendimento mais consistente, deparamo-nos com algumas indagações acerca da colaboração on-line com o uso de inglês como língua franca, como, por exemplo, ela é uma modalidade de teletandem? Se ambas modalidades realizam colaboração virtual, o que as aproximam ou as distanciam? Pretendemos visitar esses questionamentos para uma compreensão mais robusta das sessões conduzidas em inglês entre estudantes brasileiros e estudantes estrangeiros com o intercâmbio virtual realizado.

A cultura, também, é um forte elemento presente nas colaborações on-line, pois trata-se de contato direto entre parceiros advindos de “mundos” totalmente diferentes (como no caso desta pesquisa, Brasil x China/Malásia/Tailândia/Taiwan), ou seja, ocidente x oriente. Entretanto, os estudantes estrangeiros moram em Londres, localizada na Inglaterra e, assim, observamos que, conseqüentemente, há (no mínimo) três culturas envolvidas, passando, então, de intercultural para transcultural. Segundo Zakir (2015): “A transculturalidade, portanto, não

implica uniformização, generalização, mas, ao contrário, reconhece a permeabilização e a flexibilidade de fronteiras” (ZAKIR, 2015, p. 96).

5. Teletandem X Telecolaboração em Inglês como Língua Franca

Tendo em vista as ações de intercâmbio virtual mencionadas no presente trabalho, abordaremos os questionamentos a respeito das aproximações e distanciamentos entre as definições e pilares do Teletandem (TT) e a Telecolaboração em Inglês como Língua Franca (TILF), nas quais o inglês é língua exclusiva de comunicação.

Para iniciar, sistematizamos características presentes (ou não) nos contextos de TT e TILF com intuito de explorar, minimamente, as ações. Ressaltamos que as características foram selecionadas a partir dos pressupostos teóricos de teletandem e da telecolaboração on-line desenvolvida na pesquisa.

Tabela 1. Características TT e TILF

Características	TT	TILF
Exercício da autonomia	Sim	Sim
Uso da reciprocidade	Sim	Sim
Uso das TDICs	Sim	Sim
Uso separado de línguas	Sim	Não
Aplicativo utilizado	Skype	Facebook
Duração da sessão	50-60 minutos	50-60 minutos
Língua (s) utilizada (s)	Português/Inglês	Inglês
Proficiência linguística	Falantes nativos e/ou proficientes de suas próprias línguas	Falantes proficientes de uma mesma língua
Condição dos parceiros	Aprendente de inglês e falante de português e Aprendiz de português e falante de inglês	Ambos aprendentes de língua inglesa
Nacionalidades envolvidas	Brasileiros e Estadunidenses, geralmente	Brasileiros e nacionalidades variadas
Culturas envolvidas	Geralmente, duas (BR e US)	Geralmente, três (BR, UK e a do parceiro estrangeiro)

Sede das interações	Brasil e Estados Unidos	Brasil e Reino Unido
Número de sessões de interação	De 4 a 8, geralmente	De 3 a 4, geralmente
Perfil dos participantes	BR voluntários EUA, telecolaboração como parte das aulas	Ambos voluntários
Realização da sessão de mediação	Sim	Sim

A autonomia é fundamental nas interações on-line. Assim, os parceiros podem (e devem) assumir o controle da interação, negociando os assuntos, procedimentos de correções, dentre outras ações de tal modo que ambos consigam equilibrar e aprender juntos (GARCIA, 2013) e, como visto, essa característica se faz presente em ambos contextos.

A reciprocidade (BRAMMERTS, 2002) diz respeito à ajuda mútua entre os parceiros no ensino/aprendizagem da língua em questão sem qualquer fim financeiro, então os interagentes aprendem juntos sem, de fato, um sobressair ao outro. Notamos, também, que se faz presente no teletandem e na telecolaboração citada.

As TDICs se fazem presentes quando utilizamos os recursos de escrita, voz e imagem pela *webcam* das tecnologias VOIP (TELLES, 2006), que constitui-se o formato de interação que ocorre em TT bem como em TILF.

Já podemos observar os três grandes supracitados pontos que aproximam as modalidades. Entretanto, em seguida, veremos dois outros pontos que as tornam distintas, como o uso separado de línguas e o aplicativo utilizado.

O uso separado de línguas (TELLES e VASSALLO, 2006) é pertinente em uma interação na qual um interagente tem um tempo determinado para utilizar sua língua materna (ou de proficiência) com o parceiro de modo a oferecer suporte para a aprendizagem do outro. Em seguida, é o momento de aprender e praticar a língua materna (ou mais proficiente) do parceiro. Assim, observamos os papéis de aprendiz e de ajudador sendo utilizados e, também, um sentimento de tranquilidade quando do uso de sua própria língua materna. Contudo, essa característica não está presente em TILF pois não há divisão de línguas considerando-se que, no caso, o inglês foi selecionado como língua única de interação pelos dois parceiros. Os pilares de autonomia e reciprocidade são sustentados, porém, no mesmo idioma. Uma outra questão é que, na condição de aprendizes da língua inglesa, ambos parceiros compartilham dos mesmos desafios de se expressar em uma língua que não é a sua e, assim, acabam por construir uma

equidade no desafio da produção linguística. Apesar de se ajudarem, ambos são aprendizes e passivos de erros na mesma língua, sem muito julgamento, o que acaba por desafiá-los mas, ao mesmo tempo, construir segurança para a comunicação.

No que diz respeito aos aplicativos adotados para as modalidades, também são diferentes. O TT, comumente, utiliza o *Skype* para as interações. Considerando-se a modalidade das interações em teletandem para a qual dedicamos nosso olhar de pesquisa, elas são definidas como semi-integradas. A conexão com o *Skype* se dá no Laboratório com as contas institucionais da universidade⁴. Com o login e senha padronizados, as conexões são estabelecidas com os estrangeiros. É estabelecida a conexão, também, entre professores/pesquisadores, no Brasil e no exterior, de forma que a interação possa ser acompanhada e, situações emergenciais como ausência de parceiros, por exemplo, rapidamente, solucionadas.

De maneira diferente, a TILF utiliza o *Facebook* que é uma das redes sociais mais populares da atualidade, com a ferramenta de bate-papo por videoconferência. A escolha de sua utilização se deu pela incompatibilidade de versões do *Skype* entre São Paulo e Londres (locais incluídos nos dados nesta pesquisa), optando-se, então, por este fácil acesso para ambas instituições. Salientamos que isso mostrou-se benéfico pois, ao acessarem suas contas pessoais, os alunos se sentem mais próximos dos parceiros e demonstram mais facilidade em compartilhar fotos, vídeos e links próprios. Uma aproximação entre os pares já é inicialmente perceptível quando do acesso de suas contas pessoais.

No que diz respeito à duração das sessões, ambas ações de intercâmbio virtual são realizadas no tempo de 50 a 60 minutos. Já em relação às línguas, o TT se baseia na troca linguística envolvendo duas línguas, a materna (ou de proficiência) e a estrangeira, já a TILF apoia-se apenas no inglês como língua de conhecimento entre os dois interagentes.

Em termos de proficiência, o TT contempla uma dupla de falantes nativos e/ou proficientes de suas línguas e a TIFL uma dupla de falantes proficientes de uma outra língua, o inglês. Dessa forma, compreendemos a condição dos parceiros. No TT, temos, na dupla, um aprendente de inglês e falante de português e um aprendente de português e falante de inglês, em TIFL, uma dupla na qual ambos são aprendentes de língua inglesa.

⁴ Reforçamos que a experiência aqui compartilhada refere-se ao momento estabelecido antes da pandemia, quando as interações eram realizadas, presencialmente, no Laboratório da instituição. Em momento pandêmico, as interações seguem de forma independente, sendo realizadas das próprias casas/países dos participantes e sendo acompanhadas pelos professores por meio de aplicativos e redes sociais.

Considerando as nacionalidades e culturas presentes, podemos afirmar que, no TT, geralmente, as parcerias são formadas por brasileiros e estadunidenses e, em TILF, brasileiros e estudantes estrangeiros de diversas nacionalidades matriculados em uma universidade do Reino Unido. Consequentemente, identificamos, na primeira modalidade, duas culturas envolvidas e, na segunda, pelo menos três, a do Brasil, a do Reino Unido e a própria do estudante estrangeiro, o que acaba por enriquecer bastante as sessões de colaboração on-line. Ligado a isso, notamos que a sede das interações se estabelece no Brasil e nos Estados Unidos, no contexto do teletandem, e no Brasil e Reino Unido na telecolaboração em inglês como língua franca.

O número de sessões é, geralmente, menor na TILF, considerando que os parceiros são voluntários, no Brasil e no exterior. Já no TT, mais sessões são agendadas se considerarmos a modalidade semi-integrada, anteriormente mencionada.

Em suma, ao observar as duas modalidades, reconhecemos suas configurações e características específicas. Apesar de semelhanças e diferenças, contrapô-las é essencial para compreender o processo evolutivo do uso das tecnologias nas ações telecolaborativas no ensino aprendizagem de línguas estrangeiras.

6. Metodologia

A investigação está inclusa em um paradigma qualitativo considerando o objeto de estudo aqui focado (YIN, 2005; DENZIN e LINCOLN, 2011; ANDRÉ, 2013).

Para melhor compreender as ações de intercâmbio virtual em inglês como língua franca, um dos autores do trabalho aqui compartilhado desempenhou, também, o papel de interagente, ao integrar uma parceria com um estudante estrangeiro e, ainda, o papel de mediador (em sessões nas quais não foi interagente), junto ao professor estrangeiro (coautor da pesquisa) atuando nos grupo de aprendizes, fomentando reflexões acerca da interação e recebendo o *feedback* cada qual em seu país. O presente trabalho, assim, retrata a visão de um interagente e, também, de professores/pesquisadores/mediadores na condução da pesquisa. Dessa forma, com a participação dos pesquisadores em frentes diversificadas como interação e mediação, uma visão mais robusta foi empreendida ao estudo.

Apesar de compreender o grande potencial da telecolaboração para suprir demandas de distanciamento social, como atualmente o temos feito, a presente pesquisa retrata uma experiência conduzida em 2018, de forma presencial, no Laboratório de Línguas de uma

Universidade Pública do Estado de São Paulo, que contém o suporte necessário para as sessões de interação e mediação. Há 20 computadores com acesso à internet, com suporte de imagem e som, tais como fones de ouvido, *webcam* e microfone. O laboratório conta, também, com uma mesa central onde são realizadas as sessões de mediação feita por um professor/mediador/pesquisador. Como explicamos, aos grupos é oferecido um momento para discutir e (re)pensar acerca das ações telecolaborativas e reportarem *feedback* a respeito da experiência e do aprendizado.

Os dados coletados para este estudo referem-se a três interações em língua inglesa, de uma hora de duração, entre os pares e, após o término, vinte minutos de mediação para discussão e *feedback* da sessão. Como mencionado, as interações foram conduzidas pelo recurso de videoconferência do *Facebook* e os participantes foram oito alunos brasileiros de uma Universidade Pública do Estado de São Paulo de Cursos de Graduação em Letras, História, Biologia, Engenharia Biotecnológica e Psicologia e oito alunos estrangeiros (Chineses, Tailandeses, Taiwaneses e Malaios) dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas, Sistemas de Informação e Computação, Indústrias Criativas e Ciências Sociais na instituição britânica.

A coleta de dados foi realizada com os participantes brasileiros por meio de: (a) notas de campo, (b) gravações e transcrições de áudio, (c) relatos escritos e (d) um questionário na ferramenta *Google Forms*.

7. Discussão dos dados

Ao observar os dados, refletimos acerca da telecolaboração em inglês como língua franca e da amplitude deste campo de estudos. Considerando-se que se trata de uma modalidade de intercâmbio virtual ainda pouco estudada, os questionamentos se ampliam.

Esperamos que, com a pandemia e perspectivas de distanciamento social, estudos importantes poderão emergir deste contexto.

Analisaremos alguns dados provenientes das gravações, do questionário e, também, dos relatos escritos produzidos pelos alunos nas sessões de mediação. Esclarecemos que nomes fictícios foram adotados para a manutenção da privacidade e ética.

Nas duas primeiras sessões de mediação, promovemos uma discussão acerca da reação dos participantes em se comunicar com um não nativo de língua inglesa, visando investigar se

sentiam-se mais ou menos confortáveis nessa configuração. Os dados estão retratados nos próximos excertos.

“Eu me senti mais à vontade... porque eu tô falando com uma pessoa que tá aprendendo, assim como eu... então... às vezes você tá falando com um nativo e fica meio assim de errar, de fazer uma pronúncia errada e ele acabar achando ruim”

Excerto nº 1 – Relato, Laís em 16/08/2018

“Eu gostei bastante da minha parceira e me senti mais à vontade para falar inglês, pois nós dois estamos praticando uma língua estrangeira e com nativo, normalmente há um certo medo de errar”

Excerto nº 2 - Comentário, Vicente em 23/08/2018

Como podemos observar, a partir dos excertos 1 e 2, os alunos demonstram maior segurança em se comunicar com um falante não nativo de língua inglesa, pois acreditam estar em equidade em relação aos seus parceiros, sem medo de erros ou julgamentos já que ambos estão construindo seus próprios conhecimentos e experiências no idioma.

Uma outra questão sobressalente foi o uso do *Facebook* para as interações, já que aproximou os pares e tornou as sessões mais pessoais. Além de servir como suporte para as interações, também possibilitou que as trocas culturais fossem facilitadas, considerando que a rede social promove o rápido compartilhamento de informações pessoais, rompendo a barreira do pré-conceito e estereótipos que eles poderiam ter. Observemos os comentários de Jéssica e Vinícius abaixo expostos.

“O uso do facebook é muito proveitoso, pois dá acesso a vida do parceiro tornando a interação mais pessoal, permite também o envio rápido de fotos, links, acesso a ferramentas de busca dando mais dinâmica”

Excerto nº3 - Comentário, Jéssica em 23/08/2018

“A ideia de utilização do *Facebook* é melhor, porque conseguimos nos marcar em postagens e ter um *boarding* melhor do que se fosse no *Skype*”

Excerto nº 4 - Comentário, Vinicius em 23/08/2018

É possível depreender satisfação do uso do *Facebook* como meio de comunicação para as interações considerando que, segundo os participantes, a rede social não serve somente para a videoconferência, como também para postagens, exposição de ideias e compartilhamento da vida pessoal. Notamos uma aproximação entre os participantes, status esse conferido pelo acesso

ao parceiro pelo endereço de sua rede social.

Além de estar disponível para ambos continentes, destacam-se a eficácia e a maleabilidade dessa nova configuração em se articular as sessões de interação, afastando-se da impessoalidade dos *logins* institucionais do *Skype* para uma aproximação entre os parceiros via contas pessoais do *Facebook*. Os participantes demonstraram uma grande apreciação pelo novo procedimento, principalmente aqueles já familiarizados com o teletandem. Assim, avaliaram a TILF como agradável e mais próxima do parceiro.

Com o propósito de investigar e promover uma reflexão linguística e dedesenvolvimento do idioma, solicitamos aos alunos que discorressem sobre a experiência com o inglês como língua franca, dificuldades e contribuições para o processo de aprendizagem. Podemos observar o comentário de Lorena, como ilustra o excerto 5.

“Como não há um tema específico, a conversa flui com leveza. Está sendo uma experiência bastante satisfatória. Percebo que está ampliando meu vocabulário e a capacidade de ouvir e compreender em outro idioma, que é a minha maior dificuldade”

Excerto nº 5 - Comentário, Lorena em 23/08/2018

Lorena traz uma reflexão bastante interessante e que confirma o terceiro princípio das ações em teletandem - a autonomia. Os pares têm total liberdade para decidirem os assuntos tratados nas interações, tornando-as fluidas. Avalia a experiência como satisfatória e compartilha uma autoavaliação acerca de suas habilidades na língua. Observamos, assim, que olhar para a própria experiência e buscar avaliações sinalizam o desenvolvimento de uma postura crítico-reflexiva que é de grande importância para o processo de ensino/aprendizagem.

Como percebemos, a TILF pode trazer benefícios linguísticos e de desenvolvimento no idioma, pois, sem o apoio da língua materna, os aprendizes procuram expressar suas ideias por meio do idioma alvo (inglês), fazendo com que busquem, pesquisem, perguntem na língua estrangeira (LE), ampliando o léxico junto a estruturas gramaticais e, também, a pronúncia da língua inglesa.

Ainda sobre o desenvolvimento linguístico, perguntamos aos alunos se eles acreditavam que a telecolaboração em inglês como língua franca facilita no processo de aprendizagem da língua inglesa. Compartilhamos alguns dos comentários nos excertos 6, 7 e 8.

“Com certeza; ter contato com a língua é uma maneira de facilitar a aprendizagem. Você aprende a se virar sozinho e quando vê, já está falando em inglês”

Excerto nº 6 - Comentário, Laís em 06/09/2018

Laís, no excerto 6, retrata as interações como suporte para a aprendizagem da língua inglesa de modo que, sem o uso da língua materna, tornem-se autônomos no idioma e promovam seus próprios caminhos para utilização da língua e manutenção da conversa.

O excerto 7 apresenta o comentário de Bruna, como podemos observar abaixo.

“O uso da conversação se faz essencial para exercer o empirismo e compreender as adversidades possíveis e encontrar os pontos que se tem dificuldade para aprimorar, acho útil e relevante”

Excerto nº 7 - Comentário, Bruna em 06/09/2018

Bruna posiciona-se a favor das ações em TILF pois, por meio delas, é possível exercer um (mínimo) autoexame de insuficiências a serem reparadas em prol de melhoria no desenvolvimento da LE. Como Lorena, no excerto 5, o desenvolvimento da postura crítico-reflexiva pode ser percebido no comentário de Bruna. Ao considerarmos tal ação, já notamos avanços significativos desencadeados pela telecolaboração.

Lorena discorre a respeito do uso das línguas e sua experiência com o projeto. Segundo ela:

“(...) é essencial e incrível a experiência transcultural tanto com fins acadêmicos quanto para a vivência, mesmo que por um período curto. Possibilita muitos de conversarem com desconhecidos, principalmente para aqueles que demoraria para realizar uma viagem fora do próprio país”

Excerto nº 8 - Comentário, Lorena em 06/09/2018

O relato nos chamou bastante atenção pelo fato de a aluna reconhecer a importância da língua para a construção e reconhecimento enquanto sujeito e como ela pode ser inovadora. Lorena destaca a experiência transcultural em sua vivência, independente da duração das sessões. Reconhece, também, o acesso democrático aos povos e línguas, reconhecido por Telles (2006) quando da idealização do Teletandem. Lorena reconhece que a experiência possui um teor inovador e compartilhamos desse pensamento da interagente.

A partir dos excertos aqui compartilhados, pudemos constatar que o uso do inglês como língua franca pode catalisar contribuições linguísticas e pessoais consideráveis pois (como já

dito) não há o apoio da língua materna, o que permite que os aprendizes busquem solucionar os problemas e obstáculos que possam surgir, pautados em uma língua comum de aprendizagem .

8. Considerações Finais

O presente estudo foi pautado no uso da língua inglesa como língua franca por não-nativos por meio das sessões de intercâmbio virtual.

Ressaltamos as questões que abordaram a aproximação desta modalidade de colaboração on-line com o teletandem. Entendemos que há características semelhantes e distintas em vários pontos e o que as aproxima é o entendimento de que se tratam de duas modalidades de colaboração on-line que compartilham o desejo de aprendizagem e prática linguística, com objetivos definidos. A TILF avança como uma modalidade telecolaborativa no campo educacional.

Após a análise de dados coletados, concluímos que os estudantes brasileiros se sentem mais confortáveis em desenvolver a conversação com um não-nativo e, por consequência disso, há um progresso (mais perceptível, segundo os interagentes) no ensino/aprendizagem da língua estrangeira. A autoavaliação apontou para um perfil mais independente e autônomo dos participantes, despertando um olhar crítico-reflexivo para sua própria experiência de aprendizagem.

Ressaltamos que ainda há várias questões a serem abordadas na colaboração on-line já que se coloca como tema emergente em diversos contextos e para diferentes finalidades, não apenas para a aprendizagem de línguas e experiências culturais, como aqui retratado. Salientamos, assim, que nosso objetivo não foi esgotar o tema, ainda mais em tempo pandêmico, mas sim retratar uma caminhada desafiadora mas passível de contribuições significativas para práticas educacionais.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. *O que é um estudo de caso qualitativo em educação?*. Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade, v. 22, n. 40, 2013.

BELZ, Julie A. Linguistic Perspectives on the Development of Intercultural Competence in Telecollaboration. In: *Language Learning & Technology*, 7(2), p. 68-117, 2003.

_____. From the special issue editor. *Language Learning & Technology*, 7 (2), p. 2-5, 2003.

BRAMMERTS, Helmut. Autonomous language learning in tandem. In: LEWIS, T.; WALKER, L. (Eds.) *Autonomous Language Learning In-Tandem*. Sheffield, UK: Academy Electronic Publications, p.27-36, 2003.

_____. Aprendizagem autónoma de línguas em Tandem: desenvolvimento de um conceito. In: DELILLE, K. H. & CHICHORRO, A. (coords.) *Aprendizagem autónoma de línguas em Tandem*. Lisboa: Colibri. 2002.

_____. *Études de Linguistique Appliquée*; Paris Vol. 100, (Oct 1). 1995.

CZIKO, Gary A. Electronic tandem language learning (eTandem): A third approach to second language learning for the 21st century. *Computer-Assisted Language Instruction Consortium Journal*, 22.1: 25-39. San Marcos. 2004.

DELILLE, Karl H.; CHICHORRO FERREIRA, Adelaide. (eds.) *Aprendizagem autónoma de línguas em Tandem* (Textos pedagógicos e didáticos. 12). Lisboa: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *The SAGE Handbook of Qualitative Research*. Sage Publications, p. 766, 2011.

EL KADRI, Michele S. Língua franca: um olhar sobre programas formação inicial de professores de inglês. *Entretextos*. v.10, n.2, p. 64-91, 2010.

FERDIG, Richard E. et al. Teaching, Technology, and Teacher Education during the COVID-19 Pandemic: Stories from the Field. Association for the Advancement of Computing in Education (AACE). 2020. Disponível em: <<https://www.learntechlib.org/p/216903/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

GARCIA, Daniela N. M.. O que os pares de Teletandem (não) negociam- Práticas para um novo contexto online, interativo para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI. São Paulo, Editora UNESP, 2013.

_____. Ensino/Aprendizagem de línguas em teletandem: espaços para autonomia e reflexão. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 41, p. 481-494, 2012.

LITTLE, David, et al. Evaluating tandem language learning by e-mail: report on a bilateral project. *CLCS Occasional Paper* No. 55. Trinity College Dublin, 1999.

O'DOWD, Robert. Supporting In-Service Language Educators in Learning to Telecollaborate. In: *Language Learning & Technology*, v. 19, n.1, 2015.

ROSS, Andre F.; DISALVO, Mary L. Negotiating displacement, regaining community: The Harvard Language Center's response to the COVID-19 crisis. *Foreign Language Annals*, 2020, p. 1-9. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/flan.12463>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

SCHAFFER, Rodrigo; HEEMAN, Christiane. Promovendo o entendimento intercultural através da implementação da telecolaboração. In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias CIET: EnPED, [s.l], maio 2018. Disponível em: <http://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/698>.

SCHWIENHORST, Klaus. Matching pedagogy and technology - Tandem learning and learner autonomy in online virtual language environments. *Language Teaching On-Line*, 1998.

SIFAKIS, Nicos. The education of teachers of English as a lingua franca: A transformative perspective. *International Journal of Applied Linguistics* 17(3). DOI: 10.1111/j.1473-4192.2007.00174.x. 2007.

SEIDLHOFER, Barbara. *Understanding English as a Lingua Franca*. Oxford University Press, 2011.

TELLES, João A. Learning foreign languages in teletandem: Resources and strategies. *D.E.L.T.A: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 31(3):603-632. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4450226475643730772>.

_____. Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI. Campinas, Pontes Editores/ FAPESP, 2009.

_____. Projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos - Ensinando e Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem via MSN Messenger. 2006.

TELLES, João A.; VASSALLO, Maria L. Foreign language learning in-Tandem: Teletandemas an alternative proposal in CALLT. *The Specialist*, v. 27, 2006.

VASSALLO, Maria L.; TELLES, João A. Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem: historias e identidades. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2, p. 341-381, 2008.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3 ed., Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZAKIR, Maisa A. 2015. *Cultura e(m) telecolaboração: Uma análise de parcerias de teletandem institucional*. São José do Rio Preto, SP. Tese de Doutorado. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Programa de PósGraduação em Estudos Linguísticos. p. 234, 2015.

Recebido em: 21/05/2021.

Aceito em: 19/07/2021.